

\* **Novas escrituras e mediações em saúde**

## **As imagens do afeto: homenagem à Doralice Araújo**

**Edvaldo Nabuco**

Ex-integrante da TV Pinel. Pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (LAPS/ENSP/FIOCRUZ).  
edvaldonabuco@yahoo.com.br

DOI:10.3395/receis.v5i2.491pt

“Sonhar mais um sonho impossível  
Lutar quando é fácil perder  
Vencer o inimigo invencível  
Negar quando a regra é vender”.  
(Impossível sonho – Chico Buarque de Holanda)

As dores ainda eram muitas quando conheci o “Pinel”. Como nos ensina o filósofo Wittgenstein, a dor é o único sentimento que não pode ser traduzido em palavras.

Mas o sentimento era de alegria naquela instituição psiquiátrica. Animado com o processo de Reforma Psiquiátrica, iniciado na instituição pelo psiquiatra Ricardo Peret, o Instituto Philippe Pinel se tornou, no campo da saúde mental, um lugar de possibilidades reais para muitas pessoas que tiveram a experiência de passar por um sofrimento psíquico. A palavra que movia muitos dos usuários, assim como as pessoas que se tratavam no IPP, era sonho. Muitos sonhavam em retomar as atividades de sua vida cotidiana depois de terem sua trajetória de vida interrompida.

Foi no ano de 1996 que conheci a instituição. A reforma psiquiátrica se propunha a romper com o isolamento que o “louco” era submetido e criar formas para que o mesmo pudesse ter um retorno para uma vida ativa, mesmo com algumas limitações. Deste modo, o IPP iniciou profundas e significativas mudanças. A mais impactante, que foi inclusive motivo de comentário na mídia, foi a substituição de talheres de plástico por talheres comuns de aço. Esta era apenas uma das mudanças radicais que se propunha com a reforma psiquiátrica. Entre elas, estavam ainda a criação do Cais, assim chamado por conta dos usuários que viam o espaço como um lugar onde podiam ancorar, buscar estabilidade. Usuários com problemas mais graves quando apresentavam sinais de melhoras, ao invés de serem internados, passavam a frequentar o espaço, onde participavam de atividades como a elaboração de um Jornal do Cais, musicoterapia, arteterapia, e diversas outras atividades. A eliminação de tratamentos mais agressivos como eletrochoque e camisa de força também fizeram parte da mudança. Passaram a fornecer uma alimentação de qualidade para os usuários, tratamento mais humanizado envolvendo toda a equipe do Instituto, além da equipe médica em uma demonstração daquilo que veio a ser considerado uma Comunidade Terapêutica.

Além destas ações, por iniciativa da psicóloga Doralice Araújo foi criada uma TV comunitária do Instituto Philippe Pinel. Mas, muitos se perguntavam: “uma TV de loucos?”. “Era isso mesmo! Uma TV de loucos!”.



Fotógrafa, admiradora e praticante da criação artística, Doralice Araújo tinha como característica filmar as atividades que aconteciam no Cais, processo semelhante ao que fazia quando fotografava no seu trabalho com crianças e adolescentes. Ao filmar as atividades do Cais, Doralice Araújo percebeu que os usuários gostavam de interagir com a câmera. Deste modo, passou a ocorrer uma comunicação entre os usuários e a câmera o que levou Dora a sugerir que fosse criada uma TV na instituição. A proposta foi levada ao diretor e, após as ações necessárias para viabilizar o projeto, a TV Pinel foi criada, em fevereiro de 1996.

Para o projeto, foi convidado para assessorar a TV, o Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP), que tinha entre os seus integrantes o cartunista Claudius Ceccon, um dos criadores do Pasquim; e Eduardo Coutinho, um dos maiores cineastas do país. O CECIP produzia a TV Maxambomba1 e possuía larga experiência com TV comunitária. Doralice Araújo, no entanto, fez uma exigência: para ser criada a TV: alguns usuários deveriam ser contratados como trabalhadores. Acordo feito, alguns usuários foram capacitados e passaram a receber uma bolsa pelo trabalho que faziam como câmera, produção, reportagem ou secretaria.

Nestas pequenas ações, profundas transformações estavam ocorrendo. De louco a pessoa passou a ser trabalhador. Um importante deslocamento do lugar da loucura, como nos ensina Amarante (2009), que passa ser vista como possibilidades de criação.

Não cabe aqui entrar nos detalhes que dão conta do fenômeno da loucura. Mas nos incita a dizer que Descartes coloca a loucura no lugar do erro. Para este, o ser humano possui uma capacidade finita de entendimento e uma capacidade infinita na vontade. Quando a vontade vai além da nossa capacidade de entendimento, há a possibilidade para o erro.

Na TV Pinel, a vontade sempre esteve à frente da capacidade de entendimento, numa dialética que não se propunha a reduzir uma nem outra. Mas em um equilíbrio entre o entendimento dos profissionais e a vontade dos usuários, transformou a TV Pinel numa potência criativa, conforme nos ensina Nietzsche, traduzida em premiações de seus programas no Brasil e no exterior, expandindo as possibilidades de vida dos sujeitos ditos loucos. O slogan da TV Pinel revela esta potência criativa: *mostrar uma nova imagem da loucura*. No comando desta lúdica aventura, Doralice Araújo.

### **“A dor da gente não sai no jornal”**

A criação da TV Pinel, porém, não foi feita sem diversos questionamentos. “Os loucos vão surtar!”, “vão mostrar as imagens das pessoas e isto não é ético!”. Diversas foram as questões, o que poderia levar a crer que não havia um cuidado para aqueles que ali estavam trabalhando. Mas não era isto que ocorria. Em um processo de equilíbrio de forças dinâmico, profissionais e usuários debatiam os programas, as tarefas do dia a dia, o processo de trabalho. Doralice insistia em manter uma reunião de equipe uma vez por semana para dar conta destas questões. Eram nestas reuniões que os problemas e as soluções coletivas apareciam. E mais uma vez estavam todos querendo fazer o melhor e ir para a rua mostrar esta *nova imagem da loucura*.

Traduzindo em uma palavra, poderíamos lembrar da teoria dos afetos de Deleuze. O que movia a TV Pinel era o afeto. O afeto de ser tocado, retirado de um lugar, deixar-se ser afetado por um

sentimento de alegria por produzir coletivamente. Dora mantinha em sua estante alguns livros, entre eles, Winnicott que nos ensinava sobre o trabalho lúdico do brincar.

E isto se tornou motivo de todos admirarem a TV Pinel. "Por que as pessoas se mostram tão felizes na TV Pinel?". Além das ações de trabalho, era comum ver Doralice Araújo chamar um ou outro usuário em sua sala e conversar. Saber como estava se sentindo, se estava seguindo o seu tratamento fora da TV Pinel, se sua vida estava se organizando, entre outras conversas. Nas exibições da TV Pinel em Praça Pública, Doralice se misturava a todos nos carros e kombis para preparar a exibição, sempre com sua câmera fotográfica em punhos.

Deste modo, as dores iam se esvaindo, como aquela potência criança de Nietzsche que afirma o futuro. Em caso de maior urgência, além de Dora, outros profissionais davam o suporte *psi* quando necessário. As evidências mostram o sucesso desta prática. Os usuários da TV tinham um grau de internação bem menor depois que entraram para o projeto. Além disto, aqueles que passaram pela TV Pinel estão tendo experiências de vida fora do Hospital Psiquiátrico, voltando a organizar sua vida e enfrentando as vicissitudes da vida comum a todos.

### **No espelho do olhar do outro**

Cada um dos loucos que teve o contato com Doralice Araújo tem uma experiência singular de olhar para ela. Tive o orgulho de conviver com Doralice Araújo mesmo após a sua saída, por cerca de dez anos. Doralice sempre preocupada com as pessoas que passaram pela TV Pinel procurava ter notícias de todos. Desta forma, ligava para ela sempre para falar dos avanços e dos trabalhos que iam se ampliando. Em algumas oportunidades, filmava as festas de aniversário e editava o material para a sua filha. Foi assim no aniversário de seis e de quinze anos de sua filha Julia.



Escrevi meu primeiro artigo, intitulado "No Espelho do Olhar do Outro: a TV Pinel e a Construção Coletiva da Auto Imagem em Vídeo", com Dora para a Revista Comunicação & Informação, da Universidade Federal de Goiás, em 2004. Uma experiência profundamente marcante. Sendo jornalista de formação, eu havia perdido a vontade de escrever, mas escrevia relatórios periódicos para a TV Pinel. Quando fui convidado para escrever o artigo com ela fui tomado de muita incerteza. Mas me espelhei no afeto, carinho e respeito com que sempre fui tratado e tive confiança para escrever, sem a pretensão de querer voltar a ser jornalista. O artigo foi publicado e ficamos muito felizes. Os textos que Doralice nos dava para ler na TV Pinel ajudaram, assim como alimentaram a minha vontade de voltar a estudar.

Com a dinâmica da TV Pinel (estudos e trabalho) voltei a estudar e cursei Filosofia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dividia meu tempo entre a TV Pinel e o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Sempre apoiado por Dora. Através dela, iniciei o processo de deixar a instituição e retomar as atividades da vida cotidiana.

**"Mas a filosofia hoje me auxilia"**

Receber a notícia da perda de Doralice Araújo, lembrando das palavras de uma das Madres de La Plaza de Mayo, foi como perder uma amiga pela segunda vez. Nos últimos dias de sua vida, Doralice lutava contra uma doença grave, mas sempre com seu espírito afetuoso. Com todas as dificuldades do processo de adoecimento, Doralice me convidou para mais um projeto: realizar um trabalho com imagens no Instituto Benjamin Constant. A proposta, baseada no fotógrafo cego Evgen Bavcar, era realizar um trabalho de imagens com os adolescentes do Instituto Benjamin Constant.

Realizamos algumas atividades no IBC e começamos a nos encontrar com os adolescentes. Um trabalho, por seu valor afetivo, de grande importância. Assim mantínhamos uma sincera amizade e, de alguma forma, gostava de ver que ela estava bem. Após as atividades, conversávamos sobre o trabalho e pensávamos como deveríamos realizá-lo. Falávamos de influências que poderiam ajudar a melhorar a atividade e produzir com os adolescentes. Foi assim que filmamos um jovem cego que havia criado um blog, entre outras pessoas.

Ao deixar ser afetado pelo carinho, amizade e alegria de Doralice Araújo, estava me abrindo para deixar as forças de criação agirem. Foi este espírito que prevaleceu na TV Pinel. Um sentimento de união. Uma equipe que aprendeu a lidar com a dor e transformá-la em luta para, como diz o usuário Milton Freire, aprender a voltar a sorrir, a brincar, a dançar, a ser feliz.

Ao escrever este relato, deixo que as imagens venham em um fluxo sem restrições. Deixo-me invadir por este sentimento que me fez viver e superar a dor. Doralice Araújo é símbolo disto. Ao olharmos nossa imagem na tela do vídeo, nos víamos como pessoas. Rindo, cantando, brincando. Esse é o papel da TV Pinel. Foi esta a ideia que Doralice teve e que fez o Rio de Janeiro olhar a arte e criatividade do louco como uma potência de criação de vida.

## **Referência Bibliográfica**

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

## **Nota**

1 Maxambomba é o antigo nome do município de Nova Iguaçu